

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça



**Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho
Campus de Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

Edilene Machado Pereira

**A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas: uma
análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça.**



ARARAQUARA

2015

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

**Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho
Campus de Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

Edilene Machado Pereira

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais, pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara sob a orientação do Professor Doutor Dagoberto José Fonseca. E Cor Orientação do Professor Doutor João H. Costa Vargas.

Araraquara

2015

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

Pereira, Edilene

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça / Edilene Pereira – 2015
257 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca
Coorientador: Prof. Dr. João H. Costa Vargas

1. Gênero e Raça. 2. Violência simbólica. 3. Interseccionalidade. 4. Racismo Institucional. 5. Mulheres pretas, pardas e brancas. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

**Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho
Campus de Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

Edilene Machado Pereira

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

Banca Examinadora

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca – Unesp/ Araraquara.SP

Membro Titular: Profa. Dra. Jane Maria dos Santos Reis – UFU/ Uberlandia, MG

Membro Titular: Profa. Dra. Valquiria Pereira Tenório - FM/Matão, SP

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Jardim –Unesp/Araraquara, SP

Tese defendida e aprovada em – 07 /maio /2015.

Araraquara

2015

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

Dedico esta tese à minha mãe, por ser quem é, pelo meu privilégio de ser sua filha, por aceitar e apoiar minha caminhada, mesmo não a entendendo. Meu porto seguro. E ao meu pai, Edezio, *in memoriam*, por acreditar em meus sonhos.

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

Meus agradecimentos

É chegado o momento dos agradecimentos, visto que esta tese tem a apoio e contribuição de inúmeras pessoas, por isso os agradecimentos são numerosos.

A Deus todo louvor, por tudo que representa na minha vida, pelo sustento emocional, físico e intelectual. Seu auxílio provedor constante, não me permitindo sucumbir.

Ao meu Pai espiritual Pastor Carlos Antônio, por tudo que representa na minha vida.

Ao meu Pai (in memory) que sempre acreditou nos meus sonhos. A minha, sempre intercedendo por mim em prol das vitórias por mim desejadas. Obrigada a meus irmãos: Eli e Ednilson; irmãs: Eunice, Eliene, Cassia; cunhadas: Anela, Iara; cuinhados: Alirio e Edmundo; sobrinhas/os: Cesar, George (in memory), Jamile, Daniele (muito obrigada pelas leituras), Maria, Rebeca, Lorena, Aline, Natália, Sara e Emily, que torceram para esse dia chegar.

Agradeço de forma especial ao meu orientador, Dagoberto Fonseca, por acreditar em meu potencial, suas palavras críticas e ao mesmo tempo acolhedoras, diálogos construtivos sempre com muito respeito, acatando meu posicionamento, seu incentivo e orientação que possibilitaram mudanças e crescimento como estudante, ativista e pesquisadora.

À Fundação Capes, pela bolsa de estudos que proporcionou meus estudos no Brasil e nos Estados Unidos.

As professor João Vargas, meu co-orientador, na Universidade do Texas, que possibilitou um período de estágio altamente produtivo. E a Profa. Christen A. Smith pelo apoio e parceria.

Aos funcionários da biblioteca que muito ajudaram nas minhas demandas e ambientação nas bibliotecas na University of Austin em 2012.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UNESP/Ciências e Letras na Cidade de Araraquara, que possibilitaram novos diálogos e análises que contribuíram para minha formação acadêmica. Faço um agradecimento especial à professora Lucila Scavone, por todo apoio para efetivação da bolsa sanduíche.

Às e aos competentes e prestativos funcionários da Secretaria da Pós-graduação de Ciências Sociais, que sempre foram gentis, prestativos e dedicados em atender e me auxiliar com todas as solicitações que fiz durante esses anos.

As professoras Dras. Maria Aparecida Chaves Jardim e Claudete Nogueira de Sousa que compuseram banca de qualificação, pela atuação séria, palavras de estímulo e carinho durante minha qualificação, pelas contribuições que muito me ajudaram acerca do caminho a seguir na pesquisa e escrita da tese.

As mulheres negras do movimento de mulheres, militantes, pesquisadoras, que antecederam minha caminhada e me inspiraram para chegar até aqui.

Agradeço profundamente as trabalhadoras entrevistadas, que mesmo não me conhecendo, acreditaram na pesquisa e na minha ética profissional de pesquisadora. Tiveram confiança em prestarem seus depoimentos, sem controle de tempo, compartilharam seus sonhos, frustrações e vitórias. Sem elas e suas histórias de vida essa tese simplesmente não existiria.

Aos amigos que adquiri durante o período como pesquisadora visitante na Universidade do Texas, Viviane, presente ontem e hoje, Dalila, Ricardo Alysia, Silvia, que me acolheram durante todo o período de visita, apoiando e dividindo minhas angústias e vitórias na pesquisa e escrita da tese.

À Stiven, companheiro constante, compartilhou momentos importantes na minha vida e em especial no período além mar, sem ele teria sido quase impossível sobreviver com sanidade longe da minha família, meu idioma materno e os momentos difíceis ao lidar com um idioma que não dominava.

As amigas e amigos em São Paulo, Verinha, amizade sem data de início, Valquíria e Edmundo (meu teto em Araraquara), Michele, Aparecida (parceira nos artigos e congressos), Clarice, Anelise, Celinha, Júlio, Tania, Jaqueline, Jaime, Patrícia, Sandra, Thais, Viviana, Valney, Lilian, Suelane, Luana, Ana Luiza, Gisele, Junior, Tereza e Bebel, pela amizade, carinho, apoio e a colaboração direta ou indireta em várias fases da realização desse trabalho.

À Pedro Jaime, pelas indicações de participantes, incentivo e desprendimento no auxílio na pesquisa das participantes.

Aos amigos e amigas da minha terrinha, Graça, Paulo, Margo, Cristina, Dodora, Rosana, Cleide, Nailda, Ana Cristina, Aline, Muciano, Davi, Biba, Iriardes e em particular Marcos e Eliene, que possibilitaram um local isolado e tranquilo para concluir a escrita dessa tese.

Agradeço a minha amiga Bebel, pela sua leitura criteriosa, minuciosa. Olhar profissional jornalístico e compromissado, sua revisão textual e gramatical contínua. Muito obrigada Bebel sua participação foi fundamental nessa escrita.

Muito obrigada a todas e todos, que fizeram e fazem parte da minha trajetória.

Axé

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

A Estrada

Você não sabe

o quanto eu caminhei,

Pra chegar até aqui

Percorri milhas e milhas

antes de dormir, eu não cochilei

eu nem cochilei.

Os mais belos montes escalei,

nas noites escuras de frio chorei.

A vida ensina, e o tempo traz o tom

pra nascer uma canção com a fé

do dia a dia encontro a solução.

Quando bate a saudade, eu vou pro mar fecho

os meus olhos e sinto você chegar você chegar.

Meu caminho só meu pai pode mudar. Meu caminho

só meu Deus pode mudar.

“Cidade Negra” (1998)

RESUMO

Esta tese investigou a trajetória ocupacional das mulheres que ascenderam a cargos executivos e as diferentes formas de enfrentamento do racismo institucional e do preconceito de gênero no cotidiano laboral. A presente pesquisa propõe uma abordagem sociológica no intuito de analisar a questão de gênero e o racismo no mundo empresarial, tomando como cenário as cidades de São Paulo e Salvador, visto que são as capitais com maior número de pretas e pardas no território brasileiro. Procuro a partir das trajetórias de executivas pretas, pardas e brancas que ocupam cargos executivos em grandes empresas. Com foco nos cargos diretivos no mundo corporativo de modo a verificar os diferentes caminhos que essas mulheres trilharam para manter ou garantir sua mobilidade profissional. Buscou-se ainda identificar se os fenótipos raciais influenciam, ajudam ou atrapalham na ascensão dentro da carreira profissional. Tendo a violência simbólica como norte teórico, se pretendeu perceber os critérios e exigências adotados na seleção das trabalhadoras para ocupar postos e funções executivas no mercado de trabalho em empresas públicas, privadas e/ou mistas, de São Paulo e Salvador; o que é ser preta, parda, e branca no mundo corporativo e como vivenciam a experiência do racismo. Se buscou dialogar com a literatura sobre discriminação racial e de gênero no Brasil, possibilitando um levantamento histórico das experiências das mulheres brasileiras. Em termos de marco teórico, se trabalhou na perspectiva do feminismo negro num contexto brasileiro, dialogando com as reflexões de escritoras brasileiras e americanas, que foram pioneiras ao trabalhar na intersecção das categorias de raça e gênero e em apontar a ingerência dessas categorias na vida das mulheres negras e brancas, resultando em oportunidades desiguais para umas e outras. Em linhas gerais, constatou-se nas entrevistas que o mundo do trabalho ainda é machista e sexista. O gênero feminino pesa ainda na decisão da liderança da empresa para a escolha dos cargos executivo, porém, as mulheres brancas capitalizam e usufruem ainda do privilégio da branquitude, que possibilita menos barreiras na disputa aos cargos do auto escalão. Prerrogativa que possibilita diminuir a distância entre elas e os homens, algumas não se envolvem com questões raciais visto que não as atingem. As mulheres negra continua sendo desrespeitadas no mercado de trabalho. Além do machismo e sexismo, sofrem o racismo. O “perfil” europeu ainda impera quando se trata de ocupar cargo de executivas. As que conseguem vencer essa barreira enfrentam diariamente a discriminação. Algumas usam a estratégia de “não perceber” o racismo e não questionam as situações vivenciadas de racismo, outras admitem a existência e delatam. As depoentes negras buscam, através de bons resultados na entrega dos produtos, mostrar elevada competência. As desigualdades vividas são atribuídas às questões sociais por algumas das entrevistadas. Ao cruzar gênero e raça a dificuldade aumenta e por isso o número tão pequeno de executivas pretas e pardas. Portanto, o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, iniciativa do Governo Federal, que, por meio da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República – SPM/PR e do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, é de suma importância para a promoção da igualdade entre mulheres e homens, e com o recorte de raça no mundo do trabalho.

Palavras – chave: Gênero, Raça, Interseccionalidade, violência simbólica. Racismo Institucional, Mulheres pretas, pardas e brancas.

ABSTRACT

This study focuses on the occupational trajectory of women who rose to executive positions and different ways of coping with institutional racism and gender bias in the workplace everyday. This research proposes a sociological approach in order to analyze the issue of gender and racism in the business world, taking as a backdrop the cities of São Paulo and Salvador, as are the capitals with the highest number of black and brown in Brazil. I look from the paths of black, brown and white executives who hold executive positions in large enterprises. Focusing on executive positions in the corporate world in order to check the different ways that these women trailed to maintain or ensure their professional mobility. It sought to further identify whether racial phenotypes influence, help or hinder the rise in the professional career. Having symbolic violence as a theoretical north, was intended to realize the criteria and requirements adopted in the selection of workers to take up posts and executive positions in the labor market in public companies, private and / or mixed in São Paulo and Salvador; what being black, brown, and white in the corporate world and how to live the experience of racism. He sought dialogue with the literature on racial and gender discrimination in Brazil, providing a historical survey of the experiences of Brazilian women. In terms of theoretical framework, we worked from the perspective of black feminism in the Brazilian context, dialogue with the reflections of Brazilian and American writers who were pioneers when working at the intersection of the categories of race and gender and to point out the interference of these categories in the lives of black and white women, resulting in unequal opportunities for one or the other. Generally speaking, it was noted in interviews that the labor market is still macho and sexist. The females still weighs on the company's leadership decision for the choice of executive positions, however, white women capitalize and still enjoy the privilege of whiteness, which allows fewer barriers in the race to self-ranking positions. Prerogative that enables bridge the gap between them and the men, some do not engage in racial issues because the do not reach. The black women continues to be flouted in the labor market. In addition to the machismo and sexism, racism suffer. The "profile" Europe still reigns when it comes to hold office executive. Those who manage to overcome this barrier face daily discrimination. Some use the strategy of "not notice" racism and do not question the experienced situations of racism, others admit the existence and denounce. Black interviewees seek, through good results in the delivery of products, show high competence. The experienced inequalities are attributed to social issues by some of the interviewees. When crossing gender and race difficulty increases and so the so few black and brown executive. Therefore, the Equality of Gender and Race Programme, an initiative of the Federal Government, which, through the Secretariat on Policies for Women of the Presidency of the Republic - SPM / PR and the National Plan of Policies for Women, is of paramount importance to promote equality between women and men, and the race cut in the working world.

Keywords: Gender, Race, Intersectionality, symbolic violence. Institutional racism, women black, brown and white.

LISTAS DE ABREVIATURAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior.

CEDIM - Conselho Estadual dos Direitos da Mulher Superintendência de Direitos da Mulher

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CENSO – Conjunto de dados estatísticos que informa diferentes características dos habitantes de uma cidade, um estado ou uma nação.

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

CEERT -Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

CNDM –Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

CONE – Coordenadoria dos Assuntos da População Negra

CUT – Central Única dos trabalhadores

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio econômicos.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ETHOS – Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social.

FIES – Programa de Financiamento Estudantil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDG – Índice de Desenvolvimento por Gênero

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IHD – Instituto Heron Domingues.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LAESER – Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas Raciais.

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MFNB - Movimento Feminista Negro brasileiro

MFN - Movimento Feminista Negro

MMN – Movimento de Mulheres Negras

MN – Movimento Negro

MNU – Movimento Negro Unificado

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetismo

NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONG – Organização não Governamental

PEA – População Economicamente Ativa

PED/RMS – Pesquisa de Emprego e Desemprego/Região Metropolitana de Salvador

PIA – População em Idade Ativa

PM – Polícia Militar

PME – Plano Municipal de Educação

PNADs – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PROUNI - Programa Universidade para Todos

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEEC – MEC – Serviço de Estatística da Educação e Cultura

SISU - Sistema de seleção unificada

SNCC – Comitê Sulista de Coordenação não Violenta

SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

SUDIM –Superintendência dos Direitos da Mulher e está, vinculada à Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio de Janeiro

TEN – Teatro Experimental do Negro

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher

UNB – Universidade de Brasília

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

- 1- Dez maiores municípios de presença preta & parda, Brasil, (2010) - em números de pessoas. Pg. 60.
- 2- Presença de Pretos e Pardos nas capitais das Unidades da Federação, Brasil. (2010) - em % da população total. Pg. 61.
- 3- Proporção das/os ocupadas/os em postos de trabalho vulneráveis, por sexo e cor/raça. Pg. 69.
- 4- Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores cidades da RMS. Brasil, agosto (2010). Pg. 75.
- 5- Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA, ocupada residente nas seis maiores cidades da RMS (2011). Pg. 75.
- 6- Nível Superior com maior número de desemprego de negros com o nível superior.2014. Pg. 76.
- 7- Total de amostra (2010). Pg. 78
- 8- Total de amostra (2007). Pg. 79.
- 9- Total de amostra. (2010). Nível hierárquico – 2007-2010. Pg. 80.
- 10- Anos médios de estudos das pessoas que estão no mercado de trabalho. Brasil (2001 – 2011). Pg. 80.
- 11- Mapa da violência – jovens do Brasil (2014). Pg. 102.
- 12- Pessoas que sabem ler e escrever no Brasil (1940 – 1970) Pg. 146.
- 13- Pessoas que estudam 1970. Pg. 147.
- 14- Percentuais de alfabetização na população de 10 anos e mais. No Brasil e nos estados da Bahia e de São Paulo (1890 – 1940). Pg. 151.
- 15- Imagens atribuídas ao negro. Pg. 157.

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

16- Número médio de anos de estudo. Pg. 166.

17- Pessoas de 15 ou mais anos ocupadas e desocupadas. Pg. 184.

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de pessoas com mais de 16 anos ou mais de idade ocupados em trabalhos informais. Segundo a cor ou raça. 2002/ 2012. Pg. 180.

Gráfico 2 – População residente em 2013. 201,5 milhões de pessoas. Pg. 181.

Gráfico 3: Taxa de desemprego por sexo 2012-2013. Pg. 185.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto de 1928. Alunos no Colégio Modelo. Pg.135.

Figura 2: Alunas brancas na Escola Caetano Campos em São Paulo, em 1982. Pg. 137.

Figura 3. Primeira médica a atuar no Brasil, formada nos Estados Unidos. Pg. 140.

Figura 4: Primeira mulher formada em medicina no Brasil/Bahia em 1887. Pg. 141.

Figura 5: Maria Rita de Andrade, primeira negra a obter o título de Bacharel em Direito, em 1922. Pg. 142.

Figura 6- Vendedora ambulante. Pg. 156.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - LUGAR DE ONDE EU FALO	26
INTRODUÇÃO	34
Tema da Pesquisa.....	36
Problema da Investigação.....	36
Procedimento Metodológico.....	37
Disposição dos Capítulos.....	39
Detalhando os Caminhos para as Entrevistas.....	45
Seleção das Participantes.....	46
Meu Caderno de Campo.....	49
PARTE I – DO TEMA DA PEQUISA À COR COMO IMPECILHO	
CAPÍTULO I – GÊNESE DA CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA	54
1.1 - Democracia Inexistente.....	56
1.2 - Espaço Cantineiro.....	58
1.3 - O Estrangeiro Indesejado.....	65
1.4 - Mulheres: Suas Andanças.....	74
CAPÍTULO II - A COR COMO EMPECILHO	87
2.1 - Da Raça Biológica à Raça Social.....	87
2.2 - Imagem Distorcida para com o outro.....	90
2.3 - Supremacia Branca no “País Cordial”	96
2.4 - Do Racismo Biológico ao Racismo à Brasileira.....	103
2.5 - Identidade Racial e Identidades Raciais.....	108
2.6 - Feminismo X Feminismos.....	111
2.7 - Início do Movimento Feminista no Brasil.....	113
2.8 - A Mulher Negra no Movimento Feminista	114

2.9 – Limitações do Feminismo Branco.....	117
2.10 - Gênero ou Gêneros?	119
2.11.- Subjetividade e Racismo Institucional.....	121
CAPÍTULO III – A ESCOLARIZAÇÃO PARA ALGUNS.....	130
3.1 - Escolarização e o Processo de Exclusão.....	130
3.2 - O Poder Patriarcal Frente aos Anseios Femininos.....	134
3.3 - Origens do Analfabetismo da População Negra.....	136
3.4 - São Paulo e as Primeiras Letras: Brancas/os X Negras/os.....	136
3.5 - São Paulo: Cidade Desigual.....	148
3.6 - Brancos e Negros em Salvador.....	149
3.7 - Investimento Educacional para Sair do lugar “dado” Historicamente.....	153

PARTE II - MERCADO DE TRABALHO E AS ANDAÇAS FEMININAS

CAPÍTULO IV – ESTRUTURANDO O MERCADO DE TRABALHO.....	171
4.1 - Mulheres: Os Caminhos e Descaminhos da Informalidade por Raça/Cor e Gênero....	171
4.2 - Grande População e Ampla Exclusão.....	180
4.3 - São Paulo e Salvador: Avanços nas Lutas.....	187
CAPÍTULO V – EXECUTIVAS: SUAS ANDANÇAS	191
5.1 - Trajetórias das Executivas Brancas	191
5.1.1 -Caminhos da Escolarização 1.....	194
5.1.2 -Mercado de Trabalho 1	195
5.2 -.. Trajetórias das Executivas Pardas.....	200
5.2.1 -Trajetórias da Escolarização 2.....	203
5.2.2 -Mercado de Trabalho 2.....	204
5.3 -...Trajetórias das Executivas Pretas.....	211
5.3.1- Caminhos da Escolarização 3.....	214
5.3.2- Mercado de Trabalho 3.....	216

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

CAPÍTULO VI- CONCLUSÕES.....	225
Referências.....	234
APÊNDICE – Roteiro para identificação do perfil.....	252
Roteiro de Entrevista Semiestruturada 2013.....	253
Anexos: –	255
Lista de Participantes.....	255
Cópia da ordem de Serviço da PM de Campinas/SP.....	256

A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas:

Uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de raça

“O discurso não é simplesmente aquilo

que traduz as lutas ou os sistemas de dominação,

mas aquilo pelo que se luta, o poder de que

queremos nos apoderar”

(FOUCAULT, 2008, p.10)

APRESENTAÇÃO:

O LUGAR DE ONDE EU FALO.

A ideia original desta tese esteve presente ao longo de minha vida desde a infância. Nascida em Salvador (BA), filha de um auxiliar de pedreiro negro, que não completou o ensino fundamental, e de uma mulher, também negra, igualmente com ensino fundamental incompleto, que deixou a fabricação e produção de fogos de artifício para trabalhar como auxiliar de farmácia, até se casar. Depois do matrimônio, o mantenedor da família determinou que ela abandonasse o trabalho para cuidar da casa e dos filhos que viriam.

Observa-se, nessa relação, a imperiosa subalternidade de gênero, tão comum em nossa sociedade, mormente na geração da qual a esposa, nascida na década de 1930, faz parte. Ela obedeceu a essa imposição machista, para a qual, à luz da divisão social do trabalho por gênero e classe social, o lugar da mulher era o lar e o seu papel era gerar, cuidar, zelar dos filhos e do marido. Era o mundo patriarcal que, segundo Lênin (1980), foi se modificando à medida que chega o trabalho nas fábricas, as grandes indústrias, criando, assim, a base para a emancipação da mulher. Antes disso, a casa era seu lugar, enquanto a rua era o lugar do homem, espaço do qual tirava a subsistência da família.

Contudo, essa era uma realidade comum ao mundo ocidental e sobretudo ao europeu. Situação bem distinta podia ser encontrada em outros grupamentos humanos, como por exemplo, nas sociedades africanas e indígenas, nas quais a mulher é altamente valorizada em função de sua produtividade social e econômica¹, ora mostrando-se como a principal mão de obra agrícola e predominante no comércio, ora desempenhando também funções de liderança espiritual e até mesmo de comandantes de forças militares². Vale ressaltar que a posição dessas mulheres não era nem de subalternidade nem de superioridade, mas, sim, complementar ao do homem em suas comunidades. Leis circunscrevendo a mulher africana aos espaços domésticos propriamente ditos só passaram a predominar no continente africano a partir da chegada do colonizador europeu.

¹ Ver, entre outros, MANNING, Patrick. “Escravidão e mudança social na África”. *Novos Estudos Cebrap*, V. 21, jul. 1988. Dossiê Escravidão, 19.

² Caso, por exemplo, de Nzinga Mbandi, rainha e guerreira do reino do Ndongo (atual Angola), que desafiou as forças invasoras portuguesas. Para ler mais sobre atuação e papel das mulheres em sociedades africanas, ver NASCIMENTO, E. L. Sankofa, *A matriz africana no mundo*. Coleção Sankofa, Vol I. S. Paulo: Selo Negro Edições, 2008.

Equiparando a realidade vivenciada enquanto adolescente, observou-se que a matriarca, ao se ver mais tarde desquitada, com filhos para criar, e tendo que voltar, defasada, ao mercado de trabalho, arrependeu-se profundamente por ter sucumbido à dominação masculina. De acordo com Bourdieu (2005, p. 18), essa dominação “se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Portanto, essa submissão era vista como natural e normal no âmbito da divisão social do trabalho que determinava a mulher para a casa e o homem para a rua.

Os estudos de **gênero**³ como categoria de análise trouxeram avanços nesse aspecto relacional entre homem e mulher, do ponto de vista social, possibilitando, segundo Saffioti (1995, p. 193) entender que “não basta que um dos gêneros conheça e pratique as atribuições que lhe são conferidas pela sociedade; é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades e direitos do outro gênero”, sendo somente assim possível uma vivência em que o social e o respeito existam entre as partes. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que o sujeito é também um ser social, pois apresenta subjetividade própria, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais e de trabalho.

A inserção da mulher no mercado de trabalho formal, independentemente da raça ou classe social, tem sido marcada por segregações e discriminações, como demonstradas por pesquisas e estudos sobre o tema, dentre as quais cita-se o Relatório Global “Igualdade no Trabalho: um desafio contínuo”, lançado em 2011 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em que se assinala como homens e mulheres se inserem no mercado de trabalho de forma diferenciada (PROSBT, 2003; SCHIRMER, 1997).

A pesquisa aponta fatores socioculturais e institucionais que corroboram para a perpetuação dessa inserção em níveis desiguais, lembrando que este quadro se reconfigura ano após ano e insiste em permanecer apresentável de forma preconceituosa desde antes mesmo da constituição do mundo do trabalho propriamente dito. Como ressalta Chauí (1980, p. 61):

³No decorrer do trabalho grafaremos as palavras gênero, raça, cor, racismo e interseccionalidade e outras palavras em *itálico*, somente para fins de destaque textual.

[...] a divisão social do trabalho não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica, a existência de diferentes formas de propriedade, isto é, a divisão entre as condições e instrumentos ou meios de trabalho e do próprio trabalho, incidindo por sua vez na desigual distribuição do produto de trabalho. Numa palavra: a divisão social do trabalho engendra e é engendrada pela desigualdade social ou pela forma de propriedade.

Essa divisão propiciou e propicia indiretamente, ainda hoje, o estabelecimento de um papel social para a mulher no âmbito dos afazeres domésticos, apesar dos avanços alcançados por elas na sociedade capitalista. Enriquez (1999, p. 69) afirma que o trabalho “é um dos elementos constitutivos do ser humano.” “Toda perda de trabalho”, assinala ele, “provoca uma ferida profunda na identidade das pessoas, concorrendo para a desagregação de sua personalidade”. No caso da mulher que se tornou o sustentáculo da família da pesquisadora, a troca de uma ocupação remunerada pelo trabalho doméstico, não valorizado socialmente, tirou sua autonomia, deixando-a dependente financeira e emocionalmente do marido. Decisão que ela própria questionaria anos mais tarde.

A família é composta de cinco filhos, tendo o sexto morrido ainda bebê, vítima de sarampo. Por sempre gostar de leitura desde a infância, a pesquisadora sentia que com os livros conseguia “viajar” pelo mundo. Como a família não tinha dinheiro suficiente para comprar livros, a biblioteca pública de Salvador tornou-se seu segundo lar e através dos livros da série Vagalume, por exemplo, sua mente podia vivenciar aventuras e sonhar com histórias. Posteriormente e no decorrer das experiências de vida, começou a se interessar por autores que trabalhavam com a temática das relações raciais no Brasil e começou a se perceber como adolescente negra.

Assim, a minha subjetividade⁴ foi se construindo e se deu por meio da inter-relação com outras subjetividades, na escola com as colegas, no mundo da leitura e entre a própria família. Costumava observar, na escola, que com o passar dos anos o número de colegas negros diminuía. Muitas jovens iam trabalhar em “casa de família” e por conta disso precisavam se transferir para o turno noturno ou abandonar os estudos. Com os meninos negros acontecia algo semelhante. Eles iam vender alimentos na rua ou engraxar sapatos dos pedestres para ajudar nas despesas da família. Era a perpetuação do “lugar social do negro”, lugar esse naturalizado pela sociedade para os não brancos como sendo o da subalternidade.

⁴É o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais (FRANÇA, 2004).

Esse tema esteve em pauta na minha vida desde o momento em que tomei consciência da minha raça, da invisibilidade do negro, quer na escola, nos livros didáticos ou na televisão. Naquela época, bem menos comum do que hoje era a presença do negro nos meios de comunicação, em abordagens outras que não enfocassem o aspecto policial. Quando se destacava o negro, este era quase sempre “pintado” com a tinta da inferioridade intelectual, acrescida das noções de preguiçoso, acomodado, subserviente, submisso.

Dessa forma, a escolha pelo curso de Ciências Sociais, com concentração em Sociologia, teve o intuito de levar a entender o sistema racial (e racista) brasileiro e lutar para ocupar um “lugar” diferente daquele que sempre esteve - e ainda está - posto. Como bem expressaram Gonzalez e Hasenbalg (1982, p. 98):

Os *negros e negras*, sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas (grifo nosso).

Manter o que já se conquistou é uma luta diária que se agrava com o processo de invisibilização sofrido permanentemente. Processo este que acaba por incutir na mente do negro a ideia de incompetência, mesmo quando se obtém conquistas que muito bem poderiam servir de exemplo. Tomando liberdade pela explanação em primeira pessoa para ressaltar essa questão, acrescenta-se que sou a única da minha família nuclear a ter cursado nível superior, mas sei que esta minha trajetória funcionou como incentivo para que os meus sobrinhos seguissem meu exemplo, nos estudos e na militância.

Na continuação da minha caminhada educacional, em 1998 obtive a aprovação no curso de graduação em Ciências Sociais, cujo trabalho de conclusão de curso foi intitulado “*A discriminação da mulher negra no mercado de trabalho terciário da cidade de Salvador: um estudo de caso no Shopping Barra*”, bem avaliado pela banca examinadora. Como metodologia, valeu-se da observação participante porquanto a condução atuante da pesquisa só foi possível graças a uma bolsa de Iniciação Científica do Programa de Pesquisa “A cor da Bahia”, no qual também eram desenvolvidos estudos sobre a temática das relações raciais e gênero.

Ao estudo da temática racial foi dada continuidade durante a especialização *lato sensu* em que se pode aprofundar os estudos e conhecimento acerca das relações raciais e de gênero na Bahia em especial e no Brasil de forma geral, pois a pesquisa estava voltada para o acompanhamento de mulheres negras que viam na aquisição da escolarização universitária uma forma de superar a barreira, criada pelo mercado, do estigma da escolarização insuficiente.

No Mestrado, o tema gênero e relações de trabalho foi desenvolvido com maior tenacidade e visão crítica, visto que a dissertação⁵ focou em histórias de vida de mulheres autodeclaradas negras, oriundas da periferia de Salvador, que em meio às adversidades conseguiram ingressar na universidade, concluir o curso, serem portadoras de diplomas em diferentes campos do saber e adentrar no mercado de trabalho soteropolitano⁶.

Essas mulheres, com as quais também dialogarei aqui nesta tese, foram nomeadas Marias e constatou-se que as Marias ainda precisam vencer o racismo institucional atrelado à Interseccionalidade de gênero e raça no mercado de trabalho. Foram exatamente esses estudos que levaram esta pesquisadora aos bancos de sala de aula do Doutorado. Como mulher preta que procura fundamentar o lugar de suas pares, busca registrar também o percurso de outras mulheres em seus processos de ascensão social no mercado de trabalho.

Desta vez, a base de pesquisa foi ampliada. Além do mercado de trabalho soteropolitano, o raio de ação foi estendido à realidade paulista. Vale ressaltar que as mulheres enfrentam a barreira de gênero em uma sociedade machista. Mas, para além de gênero, algumas enfrentam também as barreiras da raça/cor e da condição socioeconômica. Cabe, de forma radical, visibilizar e combater esse “lugar da mulher negra”, documentado pela pesquisa realizada pela Empresa Ethos em 2010 nas 500 maiores companhias brasileiras.

Apenas seis mulheres negras (na verdade, todas pardas⁷) ocupavam cargos de executivas nas empresas. O Instituto de Empresas e Responsabilidade Social (ETHOS),

⁵Intitulada *Marias que venceram na vida: uma análise da ascensão da mulher negra via escolarização em Salvador/BA*. Defendida junto ao Programa de Ciências Sociais da PUC-SP em agosto/2008.

⁶ Palavra originada da tradução do grego Soterópolis, que significa “cidade de Salvador”. Daí, os nascidos em Salvador serem soteropolitanos.

⁷Como já foi dito, trabalharemos com os termos preta, parda e branca. Termos utilizados pelo IBGE. A **palavra pardo** é mais comumente usada para referir-se aos brasileiros com várias ascendências raciais. Para o IBGE são pessoas com uma mistura de cores de pele/miscigenação. A categoria "pardo" foi usada no primeiro censo brasileiro de 1872. Em 1890 foi substituída pelo termo "mestiço", mas foi novamente inserida no censo a partir de 1920.